

As pessoas empreendedoras que aceitam o desafio de mudar a realidade, vez por outra, têm que se perguntar se estão sendo doidos, loucos, sonhadores demais ou se estão sendo lúcidos, realistas. Pessoalmente acontece muito comigo. Eu alimento comigo tantos sonhos, que, às vezes, me surpreendo fazendo essas perguntas.

Fico feliz quando encontro pessoas muito mais doidas que eu, que sonharam sonhos ainda mais impossíveis à primeira vista, mas que tornaram realidade, deram formas concretas, visíveis a coisas antes só alimentadas em sonho.

Estou saindo de uma Conferência com participação de 18 países e todos os continentes, realizada no Paraguai, a de Escolas Agrícolas Sustentáveis de 3 a 6 de dezembro de 2007. No primeiro momento, resisti ao entusiasmo dos primeiros apresentadores. Outros colegas brasileiros também resistiram. Éramos oito pessoas (Amazonas – Escola Técnica e Instituto de Permacultura, Ceará – Elo Amigo, Pernambuco - Serta, Bahia – Instituto Aliança, Rio - Unefab, Paraná – Arcafar Sul).

Achamos uma referência mercadológica e econômica muito acentuada, como se os alunos pobres das escolas agrícolas tivessem que prover o seu sustento, enquanto os da universidade pública nem estão aí, muito menos os seus professores. Senti a ausência da referência e do papel do Estado.

Nenhum orador falou do estado, criticou-o, cobrou, lamentou a burocracia, como soe acontecer sempre em centenas de encontro que participei. Ninguém falou das verbas públicas que não chegam. Isso deixou todos os brasileiros e alguns latinos inculcados.

Mas depois fui me abrindo, deixando de ser impermeável, me contaminando, conversando, ouvindo e observando mais, aceitando aprender com o grupo, interagindo mais com o que eu vivo. Fui enriquecendo-me com inúmeros aprendizados. Gostaria de partilhar essa vivência com colegas.

O primeiro orador foi de Martin Burt,¹ Diretor Geral da Fundação Paraguaia, gestora da Escola São Francisco, local da hospedagem e do encontro. Um espaço que foi dos Frades Franciscanos, que passaram para os Irmãos Lassalistas para montar uma Escola Agropecuária de Nível Médio. A Escola estava a beira da falência e ia fechar, porque o Estado não conseguia gerir, nem sustentá-la.

A escola está com cinco anos, e esse ano, conseguiu 82% de suas despesas. No próximo ano alcança a sua auto-suficiência, incluindo todas as despesas. Fazer negócio, aprender a ser empreendedor, tornou-se uma questão de honra e de princípio para professores, alunos e funcionários. O professor que não for empreendedor, não pode ensinar nessa escola. Tem que dar exemplo.

Os detalhes não podem ser descritos agora. Mas o trabalho tornou-se a grande forma de afirmação da potencialidade dos jovens e seus facilitadores. Os alunos aprendem trabalhando uma semana e na outra semana se revezam, quem estava em sala de aula vai para o campo e vice-versa.

Capacidade de ganhar dinheiro vem junto com auto-estima, autoconfiança, identidade, disciplina, compromisso. Chequei tudo depois com os próprios jovens, em separado e depois com os professores.

No mesmo dia tivemos a apresentação de um frade dominicano de Benin², país africano, vizinho da Nigéria, de onde vieram vários grupos para o Brasil. É o movimento Songhai, que usa a permacultura em larga escala, da produção de energia ao beneficiamento dos produtos, com a marca da auto-suficiência financeira, do empreendimento, da sustentabilidade econômica, ambiental, social.

No mesmo dia ainda, tivemos a apresentação de um cidadão do mundo,³ que em suas viagens pela África e Ásia, descobriu que em muitas favelas, áreas rurais existiam escolas mantidas pelas famílias pobres. Ele resolveu estudar esse fenômeno, como Moura estudou a Peads.

¹ . Martin Burt, *Aprendendo a ganhar, transformando estudantes secundários em empreendedores rurais*.

² . Fr. Godrey Nzamujo, Diretor Fundador do Shongai Center, *Educação que funciona para o trabalho, a experiência Songhai*.

³ . James Tooley, Presidente do Fundo Global para a Educação, de Singapura, *Educação privada para os pobres, maiores resultados com custos menores*.

Estudou sob a perspectiva da sustentabilidade e percebeu a função social que essas escolas exerciam e a participação das famílias. Constatou em alguns países que a maioria delas funcionava melhor do que as de níveis semelhantes do Estado.

Percebeu então que essas escolas se mantinham com os recursos humanos e financeiros dos mais pobres. Lembrei-me muito do meu estudo sobre as igrejas pentecostais que fui pesquisar, procurando saber, como elas na década de 60, tão pobres se mantinham e a igreja católica, precisava do dólar e do marco para sobreviver.

Ele passou a mobilizar empresários para emprestar dinheiro para essas escolas, não para dar. As escolas pagam o empréstimo e melhoram sua infraestrutura, numa perspectiva empreendedora, de articulação com as famílias e as comunidades. Sonho da Peads! Viajei, vi as escolas de Pernambuco, Paraíba, Alagoas, que usam a Peads, aperfeiçoando-se mais.

O discurso se repete, da potencialidade, do recurso humano que são as pessoas, a autoria que assumem ao caminharem para a auto-suficiência.

Como se não bastasse, um dos oradores seguintes, foi um senhor do Malawe, África, que estudou em uma dessas escolas e hoje é um dos dirigentes da entidade Opportunity Internacional⁴. Uma instituição que trabalha com micro-crédito e percebeu que essas escolas pobres podiam ser clientes do micro-crédito e passaram a emprestar dinheiro a essas escolas e o desempenho está sendo extraordinário.

Era como se fosse um refrão a acentuação da auto-suficiência e do empreendedorismo (por sinal, uma palavra mais adequada para falar da agricultura de subsistência!), como uma pilastra da sustentabilidade. As escolas como facilitadoras e promotoras do empreendedorismo nos lugares mais pobres do planeta.

Um outro orador apresentou como escolas empreendedoras mudaram a renda de filhos órfãos de pais que morreram com Aids⁵. A incidência da doença na

⁴. Getu Makonen, Opportunity Internacional, Inglaterra, *Usando as microfinanças paara promover escolas auto-suficientes para os pobres*.

⁵. Jim Stephenson, Gerente de Programa da Teach A Man To Fish, *Geração de renda escolares y o acesso à educação para órfãos de famílias cujos pais morreram com AIDS*.

África deixa filhos órfãos que passam a ser chefes de família dos irmãos menores e assim ficam sem poder freqüentar a escola por conta do trabalho.

Essa entidade inventou um caminho, já que as crianças, adolescentes e jovens não podem freqüentar a escola por conta do trabalho, então vamos associar o ensino, a escola, a educação ao trabalho. Vamos trabalhar com eles! O trabalho empreendedor vai ser a forma de aprender! Conseguiram trazer os órfãos para escola, na medida em que a escola foi para onde eles estavam, no enfrentamento da produção, precisando ganhar mais dinheiro, melhorar a qualidade de suas vidas. Ezequiel, um dos protagonistas dessa história concluiu a escola fundamental e hoje cursa uma escola técnica de nível médio.

Viajei lembrando-me da estratégia de Zezinha de São Benedito do Sul - PE, quando diante da dificuldade dos pais irem a escola, ela inventou a escola a domicílio! Bem que ela poderia fundar uma entidade ou movimento para fazer parecido com todas as escolas da Peads!

Uma outra oradora da Índia⁶ situou o contexto dos doentes de lepra. Quem adoece, perde um pouco ou todo o sentido, o cheiro, a visão, a audição. Perde mais que isso, perde esposas ou esposos, emprego, família e passa a viver estigmatizado. Um artista da Austrália resolveu ensinar os leprosos a pintar. Mas alguns já não tinham dedos, outros não tinham mais mão. Como pintar? O artista amarrava o pincel na mão de quem não tinha dedo e no braço de quem não tinha mão e nas pernas de quem não tinha pé.

Inicialmente, tudo parecia impossível, inviável, mal usavam duas cores. Com o tempo foram tomando mais confiança, acreditando na sua criação, ampliando as cores e chegaram a produzir obras de arte. Essas obras foram para exposições em cidades da Índia, da Europa, dos Estados Unidos. Os leprosos passaram a ganhar dinheiro, a empreender, e com o dinheiro que ganharam, construíram um leprosário para leprosos idosos!

Um exemplo de como a auto-estima, a confiança no seu potencial, a oportunidade encontrada tem força para mudar as pessoas e o mundo. O milagre dos 10 leprosos não foi diferente. Quando procuraram Jesus Cristo, Jesus os mandou de volta, *não eu não vou curar vocês, vocês se curem,*

⁶ . Sylvia Finlayson, Rising Star Outreach, *Pequena resenha história de escolas auto-suficientes na Índia.*

voltem para as cidades de onde foram expulsos e se apresentem às autoridades como gente, como pessoa. Em outras palavras: acreditem que são gente, mudem a concepção que vocês têm de si mesmo e se curarão.

Voltando aos oradores latinos, tivemos a exposição de Mariana Martelli⁷, mostrando o mesmo refrão, o lugar do estudo é também no trabalho. O aluno aprende a ser gerenciar negócios, na medida em que estuda e trabalha, articulando empresa e escola, a escola sendo gerida pelos mesmos princípios da empresa. O que tanta gente separa, essa instituição uniu e vem dando muito certo. Algo parecido está sendo feito por empresários de Pernambuco - Brasil, com os centros de excelência do ensino médio. Vem provar o quanto a tarefa do educador supera o ensino formal convencional e o quanto a escola tem cacife para formar para além dela, desde que esteja aberta às parcerias.

Provocando a escola a mudar o seu papel, tivemos a apresentação do brasileiro Polan Laki⁸. Ele falou com a autoridade de quem se dedicou durante toda uma vida a questão, como extensionista no Paraná, no Piauí e como técnico da FAO, durante 19 anos. Os seus textos publicados pela FAO estão para o início do Sertão como os de Pedro Demo estão para a Peads, isto é, ajudaram ao Sertão a encontrar caminhos inovadores.

Ele faz uma crítica fortíssima à universidade que não descobriu ainda a realidade do campo. Enquanto isso alimenta o corporativismo e faz da pós-graduação um instrumento para fortalecer seu corporativismo e não para se comprometer com a melhora da qualidade de vida do campo.

Comprova a ineficiência, a incapacidade do governo em fazer o que tem para fazer e defende a tese de que quem avançou na agricultura foram os trabalhadores e empresários, apesar ou com o Estado. Insiste que o Estado não tem condição de fazer as mudanças necessárias, não tem recurso suficiente, além de ser burocrático. Se é assim diz ele, teríamos que liberar o Estado para que ele pudesse cuidar das questões mais urgentes e emergenciais, que são muitas, na educação, na saúde, no saneamento.

⁷ . Mariana Martelli, Diretora Acadêmica da Corporação Educacional Sociedade Nacional de Agricultura, Chile, *Educação que funciona para o trabalho, conectando a aula ao lugar do trabalho.*

⁸ . Polan Lacki, *A necessidade da reforma da educação agrícola: o que os agricultores mais reivindicam nem sempre é o que mais necessitam.*

A agricultura tem jeito, tem potencial de se bancar, para isso, a escola tem que exercer outro papel e ensinar outro currículo. Colocou suas páginas na internet em português e espanhol para quem quiser ampliar a discussão.⁹

Para quem pensa que essas experiências são coisas difíceis de replicar, pode ver o movimento que está crescendo. No Paraguai mais uma escola começa inspirada na experiência da São Francisco. Também herdada nas mesmas condições de falência do Estado.¹⁰ Depois veio outra da Bolívia,¹¹ do Equador,¹² da Argentina¹³.

Mas para quem pensasse que essa dimensão da auto-suficiência, do empreendedorismo, de escola que responde a desafios concretos fosse coisa para agricultura, teve oportunidade de escutar as professoras da Universidade da Malásia falarem da experiência da Universidade com alunos e com mulheres das áreas urbanas.¹⁴

A experiências de escolas pobres sustentáveis, a experiência de escolas para os orfãos de AID, a das Escolas Agrícolas de nível médio, começam a desembocar em experiências universitárias, como os casos apresentados na África.¹⁵

Dos Estados Unidos, veio um professor, que trabalhou na juventude no Brasil e hoje dirige uma experiência de preparar empreendedores sociais para o mundo inteiro, aproveitando a oportunidade de que na sua universidade tem muitos

⁹ . <http://www.polanlacki.com.br> e www.polanlacki.com.bragro.br

¹⁰ . Ricardo Verón, Escola Agrária San Isidro Labrador, Pilar, Paraguai, *A replicabilidade começa em casa – uma segunda escola auto-suficiente no Paraguai*.

¹¹ . Teodoro Andia, Diretor da Escola Colônia Piraí, Santa Cruz, Bolívia, *Experiência da Escola Colônia Piraí, Bolívia*. Marcelo González Ale, Diretor Executivo da Agro XXI, Bolívia, *Criando oportunidades para jovens indígenas e não indígenas através de redes sociais*.

¹² . Angel Cuevas e Ives Van Gijssel – Profetal, Equador, *Escolas Secundárias Comunitárias com micro empresas*.

¹³ . Juan Carlos Bregy, FEDIAP, Argentina, *O longo caminho até às escolas agrícolas auto-suficientes*.

¹⁴ . Fatima Hashim, Diretora do departamento de Idioma e Desenvolvimento da Alfabetização, Universidade de Malaya, Malásia, *Sustentando o empreendedorismo juvenil através de cooperativas escolares*. Halima Awang, Decana da Faculdade de Economia e Administração, Universidade de Malaya, Malásia, *curso de cultura empreendedora: um modelo que se ajusta a todos*.

¹⁵ . Steve Caver, Karatara Trust, África do Sul, *Escola de negócios para os pobres, auto-suficiência na educação superior*. Solomon Adebola, Universidade de Babcock, Nigéria, *Financiando a Educação privada universitária em Nigéria – A opção Sinergy*.

estudantes estrangeiros. Organiza cursos nos mais diversos níveis para preparar empreendedores.¹⁶

Foram dois dias de almoço a almoço intensos. Além desses já citados, ainda tivemos uma exposição sobre a Avina, um Programa da Unesco, uma rede de supermercados da Inglaterra, envolvida com o mercado justo¹⁷, um currículo agrícola empresarial para maximizar os ganhos¹⁸ e apresentação mais rápida de outras iniciativas.

Como todas as apresentações convergiam muito, foi apresentado pela Fundação Paraguaia um guia para as escolas auto-suficientes, publicação que nos próximos três meses estarão prontas.

Achei por bem de escrever esse texto porque me senti muito privilegiado em poder participar. Imaginei meus colegas, se tivessem comigo, teriam também muitas idéias. Volto para dividir com eles, mais do que as informações, o sentimento que estamos dentro dessa corrente e que somos muito mais do que imaginamos, muito mais do que conhecemos, que tem loucos maiores que nós, lúcidos maiores que nós, e que temos muito que aprender ainda e contribuir.

A cada momento via como a Peads, se fosse conhecida por essas experiências, potencializaria todas elas. Como elas vão potencializar a Peadas a partir de agora. Saí do encontro com a sensação de ter participado de algo novo, diferente, inovador em relação a alguns aspectos, com um mundo de idéias e sugestões para aprimorar a formação dos jovens, o trabalho com as escolas, com o conjunto integrado de projetos.

Queria ao terminar, agradecer a Neylar da Avina que associou o tema logo ao Serta e nos convidou para participar.

Abdalaziz de Moura –

¹⁶ . Dr. Warner Woodworth, Diretor do Centro para a Independência Econômica, Brigham Yung University, USA, *Lições de microfranquia, de replicar o êxito a replicar as escolas.*

¹⁷ . Anna Ford, Membro do Conselho da rede J Sainsbury's plc, Inglaterra, *Melhorando grandes negócios, do apoio aos provedores ao apoio da sustentabilidade.*

¹⁸ . Andrew Baird, Diretor de Programas Internacionais do Making Center International, USA.